

O ACADÊMICO

ORGAO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO III * Nº. 27

OUTUBRO DE 1977 — BLUMENAU — SC

Cr\$ 3,00

O importante não é o que pensam de nós, mas sim, o que nós pensamos daquilo que pensam de nós.



UM
JORNAL
DE
GENTE
GRANDE
NA
IDADE
DA
RAZÃO

CARTAS

CANOINHAS SC:

... Há tempo que o ACADEMICO não aparece por essas bandas. Não sei se a minha assinatura já venceu. Se venceu, mandem cobrar. Mas não deixem de mandar o jornal de Letras de Sta. Catarina. Faz favor.

Depois do encontro de escritores em Itajaí, não mais tive a oportunidade de ler O ACADEMICO. Não sei se foi por não irem com a cara desse matuto da Serra que encerraram a remessa de seu jornal. Se foi esse o motivo, muito obrigado. Se não foi nenhum motivo especial, fica o dito pelo não dito.

Devo lhes ter enviado "Faróis dentro da noite e" A caminho", até hoje não vi uma linha em OA...

Se vocês forem a Livraria Universitária gostaria que me informassem se há "Faróis à venda... Parece que a Luna está mancando comigo. Cordiais abraços,

Pedro A. Grisa

SÃO PAULO SP —

Sou professor de Estética e História da Arte da Faculdade de Belas Artes de S. Paulo — Fac. de Ed. Artística e Fac. Mosarteum, tomando conhecimento do trabalho de cunho didático e artístico a ser realizado aí em Blumenau, durante o I.º Salão Universitário de Artes Plásticas e acreditando na validade do mesmo, ponho-me a disposição para a realização de um trabalho, que venho desenvolvendo aqui em SP, sobre como analisar uma obra de arte, cujo objetivo é fazer o espectador "saber ver", e sentir que não se deve deixar levar somente pela sensibilidade, na apreciação de uma obra de arte. Para a execução desse trabalho tenho todo o material necessário, que facilitará esta execução e poderá

ser desenvolvido desde a apresentação do mesmo através de conferência ou palestra, até um pequeno curso de 2, 3 ou 4 período. Sem mais e aguardando uma resposta, para não me compromissar com outras oportunidades que possam surgir, subscrevo-me atenciosamente ANTONIO SANTORO JR.

RIO DE JANEIRO RJ —

Meu caro OJO
Muito obrigado por sua carta do dia 10. Legal ouvir de você as referências que faz à minha entrevista publicada no "Jornal de Letras". Além de viver e amar, não creio que tenha conseguido fazer nada nesta vida de menos desimportante que meu poemas, e creio que meus poemas nunca deixam de ser, para quem os souber ler, os poemas de um catarinense. Tenho curtido, é certo, lugares e países, mas Santa Catarina está presente em todas as minhas curtições. O que se disser bem das minhas composições há de ser um louvor ao nosso Estado e à nossa cultura. Isso me alegra, como me põe contente tudo de bom que me chega daí, e de modo especial as provas de que O ACADEMICO, produto do esforço de vocês continua vivo. E assim, fico aguardando, com ansiedade, a entrevista com Bráulio Schloegel e os "POEMAS CASSADOS". Um abraço amigo do MARCOS KONDER REIS.

FLORIANÓPOLIS SC —

Jovem amigo,
Com este comunico, que remeti o cheque postal de Cr\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta cruzeiros) por assinatura de "O ACADEMICO"... E uma maneira de colaborar com o seu esforço. Ficarei vigilante para motivar maior aplauso. Um abraço e dispo-

nha, P/Conselho Estadual de Cultura THEOBALDO COSTA JAMUNDA.

FLORIANÓPOLIS SC —

Companheiros
Gostaria de ver publicado no Jornal "O ACADEMICO" os poemas que estou enviando. Meu objetivo é a divulgação e a crítica dos textos, afim de que se possa solidificar a literatura catarinense... Estarei realizando em Fpólie, uma segunda exposição de poemas dentro de poucos dias. Lhes comunicarei com antecedência, desta realização. Sem mais, espero uma confirmação CIRINEU MARTINS CARDOSO.

JOINVILLE SC —

... O CORDÃO 3 está na maternidade, deve nascer de cesariana. Sabe, a gente nunca sabe quando sai, pois fica com a Stalo, patrocinador, a gráfica fica amaciando etc, e tal. Abraços em todos os acadêmicos, do pessoal do Cordão e do ALDO SCHMITZ

AGRADECIMENTOS

A Editora Ática pelo convite para o lançamento do livro: TORPALIUM de Júlio César Monteiro Martins a ser realizado dia 25 de outubro na sede da Livraria Muro, rua Visconde de Pirajá, 82 — subsolo, loja 102 — Ipanema — Rio de Janeiro.

Ao Sr. Theobaldo C. Jamundá pelas nove assinaturas feitas do Jornal O ACADEMICO e que nos estimula a continuar desenvolvendo esse trabalho sério de divulgar a literatura catarinense dentro do estado de Sta. Catarina e fora dele.

Ao Sr. A. Garibaldi, conhecido poeta português pelo seu gentil convite para que participemos de uma antologia de literatura brasileira a ser organizada juntamente com uma antologia da América la-

tina e outra da Espanha, a ser editada em Portugal.

O periódico Cultural e Tempo, quinzenário de escritores e artistas plásticos. Cultura e Tempo é dirigido por Iran Gama e divulga literatura.

CAPA — Charge de Jean Paul Sartre, cortesia da clicheira paranaense.

EXPEDIENTE

Jornal O ACADEMICO
Caixa Postal 1124
89.100 - Blumenau - SC

FUNDADORES

Oldemar Olsen Jr., Maria Odete Onório Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, José Luiz Dias de Souza.

Diretor e Redator

Responsável
OLDEMAR OLSEN Jr.

REDADORES

Maria O. Onório Olsen, Fred Richter, Domingos S. Nunes, Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto D. Saut, Sívio B. de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos E. O. Bastos.

Divulgação e Relações Públicas

EMILIO SCHRAMM

COLABORADORES COMERCIAIS

Agradecemos as seguintes firmas, sem o qual nosso jornal não seria uma realidade.

Agrojard, Artex, Centro Copias, Diretorios Acadêmicos Eletro Médica S.A. Engecop, Flamingo Fiambreria Globo Livraria Academica, Mini Mercado e Comercial Victor Probst,

ASSINATURAS Cr\$ 50,00 anuais

JORNAL "O ACADEMICO"

C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua N.º

CEP

Cidade Estado



TEATRO**O teatro do absurdo**

* Edith Kormann *

O teatro do absurdo expressa a ausência de qualquer sistema cósmico de valores geralmente aceitos, sendo um dos seus fundamentos a incompreensibilidade. O absurdo apresenta uma filosofia de negação e nunca um objetivo a ser alcançado.

O absurdo é considerado uma das tendências do teatro de vanguarda e se caracteriza pelos protestos contra as convenções. O teatro de vanguarda não é jovem, pois marcou sua estréia em Paris em 1896 com a peça "UBU REI" de Alfred Jarry e, diga-se de passagem, foi um dos maiores escândalos da história do teatro moderno. As grandes linhas do teatro moderno englobam:

a) teatro do absurdo que acredita numa super realidade, negando a realidade objetiva (Beckett, Ionesco, etc.);

b) teatro de idéias não realistas. É o teatro que visa transformar a realidade e o faz de maneira não realista (Brecht utiliza alegorias no teatro político);

c) recuperação do realismo ortodoxo que parte da fotografia (Tennessee Williams, Eugène O'Neill, Artur Miller, etc.).

O absurdo exige concentração e profundidade, e a maior parte do nosso público ainda prefere espetáculo para divertir; as mensagens não interessam. Espetáculos como "Esperando Godot" ou "Fim de Partida" de Beckett, "Cantora Careca" ou "A Lição" de Ionesco, não lotam as nossas casas de espetáculos, e lamentavelmente, a peça "Os loucos" de Roberto S. Felski, encenada pelo Grupo Phoenix da FURB, também não foi bem aceita por enquadrar-se na linha do absurdo do teatro de vanguarda.

Os temas do absurdo se baseiam em cenas de loucura, nomenclatura verbal, palhaçadas, teatro puro (efeitos cênicos abstratos, circo, acrobatas, etc.), literatura de sonho e fantasia contendo forte elemento alegórico. Os temas do absurdo sem percebermos fazem parte do absurdo de cada dia.

ROCK CADASTRADO

(OU NOS 60 FOI MUITO MELHOR, ELVIS)

* José Endoença Martins *

Isto é verdade. Podem verificar os que se derem ao trabalho de recorrer às fontes de pesquisas. Nenhum tempo guardou tanto o passado, com tanta eficiência, com tanta loucura, com tanta paixão e compromisso, quanto o nosso.

Entre nós, a nostalgia se cristalizou, virou uma loucura presente e permanente. Desenterramos o passado, os seus mistérios, magias, acertos e contradições e, em nome de uma ciência qualquer ou da história (estória?) somos obrigados a conviver com toda essa exumação histórica em arquivos, fichas, fichários, catálogos, discos, filmes, revistas, livros, jornais, fotos, posters, televisores, rádios, robôs, tapes, remédios, bulas, seminários, simpósios, encontros científicos e históricos, descobertas.

Não há como escapar do passado. Ele está sempre presente. Ele é o presente. Parece que nos debatemos desorientados entre duas insanidades que esmagam o nosso real presente: de um lado a conquista do futuro (os dias melhores), de outro, a preservação do passado (ah, os bons tempos).

Porém um pouco temerosos quanto

ao futuro por descobertas inesperadas e nem sempre desejadas, nos lançamos de corpo e alma no passado que é coisa que a nossa experiência acumula em tantos milhões de anos já viveu. E essa vivência é congelada. Aprendemos a congelar as nossas experiências antigas e estocá-las.

E deste frenesi de estocagem que embriagou a nossa humanidade nada, nada mesmo logrou escapar. Nem mesmo Elvis e seu rock surgidos por volta dos anos 50. Ambos se debatem, agora, dentro de uma nova e estranha realidade. Não se acham mais presentes no seu real presente, mas presentes num tempo que até pouco tempo, para eles, era futuro. Daqui para frente estarão presentes no futuro. Serão o passado no futuro. Não terão mais passado, nem futuro. Serão o presente eterno.

O rock estará cristalizado e o seu criador idem. Ambos guardados. Segurados. Cristalizados. Presentes. Disponíveis para o consumo total, vistos da camisa inesquecível da nostalgia, o que os torna mais consumíveis.

A vivificação tecnológica da cultura abrirá as comportas das histerias juvenis das teen-agers nos seus blue-jeans, pelo mundo a fora, e elas rodarão em discos, fitas cassetes, tapes e danças, toda a sensual vivência do rock e seu criador.

Elas e nós estaremos ligados, presos à brincadeira do rock, à sensualidade do rock, à sua energia, musicalidade, histeria, fascínio, loucura, vigor, torpor, cultura, filosofia, política, por fim, à toda substantivação do rock e daqueles que o derramaram no mundo.

Seremos mais roqueiros, roqueimaníacos, mergulharemos fundo no seu mundo, e cairemos nas viagens astrais, no espírito do corpo e na equizofrenia total.

Reexperimentaremos o tempo do rock. Reexperimentaremos o espaço do rock. Reexperimentaremos o rock no espaço e no tempo. Segurados. Congelados. Guardados. Estocados. Cadastrados. Como a música, o rock, Elvis, como tudo. Daqui para frente.

LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB)

Em novas e modernas instalações.

VISITE-NOS

Blumenau

Santa Catarina

O ACADEMICO circula em todas as universidades brasileiras

"O NEGRO DO MUNDO"

Maria Odete Onório Olsen

No vídeo, a moça surge de short num andar tranquilo e pausado enquanto na rua, nos bares, nas lojas, o eleitorado masculino se acotovela entre olhares curiosos e esfomeados (o que propositalmente é caracterizado na cena). Então a moça se volta e o locutor lembra ao telespectador da poupança Probst.

É claro que a propaganda é feita por homens e a moça em questão não poderia ganhar dinheiro mais fácil. Mas qual é a diferença na opção que essa moça fez ao participar da brincadeira, ao de uma garota do interior que vem para a cidade se tornar empregada doméstica e acaba prostituta.

E o que temos nós com isso?

Com a opção das meninas, nada. Mas somente no fato de pegarmos uma caneta e considerarmos sobre ele, desvendamos uma consciência e somente isto é tudo para um protesto para surgirmos de imediato a indagação, onde está a consciência da mulher brasileira em relação a sociedade em que vive? Está ela ciente dos usos que se fazem dela? E pode dar-se ao luxo para tão humorísticas indagações?

O povo latino particularmente, é muito ligado a morfologia e função dos órgãos sexuais — o órgão masculino é convexo e penetrante, o órgão feminino concavo e receptivo — características estas que bastaram para legitimar a passividade feminina outorgando-lhe o título de frágil e inativa. Marcada a sangues e dores, taxada de antro da fertilidade, fecharam-lhe todos os outros caminhos e a esqueceram santificada. Tanto a esqueceram que foi marco histórico o direito que obteve para inscrever-se nos concursos do Banco do Brasil em 1970.

E tolhida nos santos preceitos da maternidade tudo foi-lhe acontecendo e se arraigando em anos e séculos em função de uma imagem. Quando sentada, as pernas cruzadas, discretamente; as mãos sobre o colo, o olhar meigo, o sorriso aquiescente. Uma boneca de carne, sem idéias. No peito, um pequeno aperto, uma angústia sem razão perfeitamente disfarçável. Na mente, um tumor enraizado, intacto.

Acrescenta Betty Briedan em seu

livro *Mística Feminina* no capítulo I — o problema sem nome. Era uma insatisfação, um anseio de que ele começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para arrumar o sofá, comia com os filhos sanduíches, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas, e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesmas a silenciosa pergunta "é só isto?".

Há mais de quinze anos não havia menção desta ansiedade nos milhões de palavras escritas sobre a mulher e para a mulher nas colunas, livros e artigos especialistas. Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade.

Especialistas ensinavam-lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e orientá-los no controle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescente; a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante; a impedir o marido de morrer jovem e aos filhos de se transformarem em delinquentes. Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades que as antigas feministas pleiteavam.

Enfim, criou-se uma mentalidade feminina.

Que segundo todos estes argumentos apresentados, a tornavam uma mente diferente. Somente mais inferior que diferente. Tanto é isto patente, que em função desse grau de inferioridade a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) se preocupou somente em protegê-la, demagogicamente, é claro. Senão, é o que se demonstra, pela CLT, uma mulher não pode trabalhar à noite como jornalista ou secretária; mas pode trabalhar à noite "em casas de diversões, hotéis, restaurantes

e estabelecimentos congêneres". Além de também ser autorizada a trabalhar à noite em indústrias de couro "que tenham contratos de exportação"; e, em 1973, a indústria de construção civil pôde, "em caráter precário", admitir mulheres.

Todo esse protecionismo destilado pela CLT somente tem feito nascer entre os empregadores diversas formas de argumentação em detrimento à condição feminina. E a estas o recalque à submissão e a completa alienação a seus verdadeiros direitos. Como consequência prática o que a mulher vem sofrendo no seu dia a dia é uma discriminação abusiva e ofensiva principalmente em relação ao salário mensal e ao acesso à carreira.

Para alguma mudança as promessas e projetos parecem mais concretos.

Criada pelo Congresso a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPI) para examinar a situação da mulher na sociedade brasileira; já foram realizadas reuniões, ouvidos depoimentos e, várias pesquisas sobre o trabalho da mulher em diversos setores — desde o trabalho árduo no campo à luta por um emprego urbano; do absurdo salário das professoras do 1º grau às causas do aumento da prostituição — para uma proposta de nova legislação sobre o trabalho da mulher.

A nossa realidade, feita de inflação e repressão, feita de dor e de misérias, feita de medo e de agonias, feita de ilusão e de euforias, exige que a mulher seja um "trabalhador" — uma trabalhadora reconhecida.

Que a lei natural siga e não despreze ela, a sua feminilidade, mas que seja respeitado o seu direito optacional. Infelizmente, a mulher brasileira não tem consciência da sua situação porque não tem consciência da importância da cultura, dos conhecimentos para essa famigerada feminilidade.

Já sofre sob as intempéries, já esfou a mão nas construções civis, já suporta gozação como gari das lixeiras, já vendeu o corpo para comprar o Shampoo que a televisão anuncia, só falta cerrar os punhos e dar um murro, erguer a cara e mostrar quem é.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
Rua Monte Alegre, 1434
05.014 — São Paulo — (SP)

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.
Rua Itamonte, 50
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.



A MODA EM TOALHA — Blumenau — Santa Catarina

E o Brasil inteiro grita: Gooooll

O epitáfio do sonho do brasileiro e da esperança do cidadão desiludido veio com um simples cartão, um papel segurado por mãos trêmulas de fome, um cartão da loteria esportiva.

Com os jogos dos campeonatos estaduais e os do posterior Campeonato Nacional, todos transmitidos coloridamente pela televisão brasileira como acontecimento planejados, o estilo elevado de um show, especialmente sua forma de brutalidade sensacionalista, fazem com que o pobre idiota é por comparação, o instrumento de razão calma.

Usando o artifício de localidades geográficas em contraste — a calma tropical e subdesenvolvida do futebol catarinense em oposição ao agitado e profético futebol carioca e paulista, ou, por que não, também do gaúcho — o esporte do povo revela assim uma história de moral a respeito da mentalidade brasileira.

É uma promessa tranquilizadora a todos nós, já que o Corinthians ficou campeão, o Flamengo continua sendo o time mais querido do Brasil e portanto no futuro tudo correrá calmamente e sem dificuldades — Zico e Revelino ganharão milhares de cruzeiros por mês — que os planos darão certo, que haverá tempo de lazer, de divertimento, sol para todos. Tudo isto a televisão capta, o espetáculo onírico, soprífero e teatral do país.

Sim, finalmente a máscara circense do futebol caiu para sempre, e as disputas essenciais foram fanalizadas.

A inconsciência e o anti-intelectualismo de uma geração inteira tornam-se conhecidos de milhões de pessoas no exato momento em que os gestos e os fatos que os revelam são emitidos.

Mas tudo isso, tremendamente importa em qualquer outra época, torna-se simplesmente um psicose na caminhada irônica que este povo tece.

Que símbolo melhor transmitiria o uso farisaico da

autoridade para o bem da maioria? O que simbolizaria mais efetivamente a atividade objetivamente hipnótica do que os estádios de futebol?

Mas o cenário dos estádios lotados não foi invenção de um esportista. Foi a escolha de uma estrutura social militante, uma racionalização ultra-simplificada de controlar o comportamento do liberal exausto. Seu objetivo é, acima de tudo, criar um ser humano sensível cheio de pecado, esperanças, culpa, aspiração, ambição, às vezes libidinoso, outras aluisticamente heróico.

Quanto a mim, só quero compreender essa vítima como um ser humano integral, levado por forças humanas, atormentado por dúvidas a respeito de si mesmo, que transcendesse a sujeira humana e as minúcias da vida cotidiana: desenvolvendo-se e crescendo não em uma linha reta, mas por acessos e arranques, por pulos e saltos depois de épocas de desespero e apostasia.

Seja como for, é possível que os progressos tanto sociais quanto políticos hajam aumentado o nível de conscientização das classes oprimidas (como já citei certa vez, é o pessimismo quem gera a esperança), mas é negável, ao mesmo tempo, que não diminuam o nível do analfabetismo, a menos que durante o meio tempo entre os sempre grandes clássicos futebolísticos se comece a dar aulas de português, matemática, geografia, literatura, etc, mas isto, provavelmente esvaziaria estes estádios por quinze minutos; porque aqui ainda impera a lei do mais forte, ou melhor, do mais esportivo para o povo, (estou-me referindo, evidentemente e exclusivamente, ao futebol), pois não há, segundo a opinião da minoria e aceita pela maioria, costeletas de porco que alimente mais do que um jogo de futebol às quartas e quintas à noite, aos sábados e domingos à tarde..... fugit irreparabile tempus.

Fred Richter

Breve análise de uma obra de arte

JUSTIFICATIVA

O papel de destaque da Artes Plásticas nas várias manifestações artísticas, dado pelo desenvolvimento cultural do mundo — contemporâneo, nos obriga a ter uma visão de como se aprecia e analisa uma obra de arte, para se acompanhar o processo evolutivo da mesma. Eis porque a elaboração deste curso, que procura numa visualização das obras plásticas, conciliar as perspectivas diacrônicas e sincrônicas, através de uma atenção dada a estas obras, situando num nível prático aquilo que o espectador geralmente deixava ao mero sabor da visualização e do próprio gosto.

OBJETIVO GERAL DO CURSO:

Dar condições para que o simples espectador se transforme num observador diante de uma obra de arte, introduzindo-o no campo das artes plásticas.

OBJETIVO ESPECÍFICO DO CURSO:

Conhecer: — os métodos usados para se analisar uma obra plástica; — as interpretações envolvidas nestes métodos para se processar esta análise; — os elementos competentes dessa obra.

Para formular um esquema de observação ao se analisar esta determinada obra.

CONTEÚDO:

Os métodos de análise: — Objetivo — formal
O que contém uma obra de arte:

- A imagem
- A comunicação
- A maneira de pintar
- Os elementos visuais
- Os efeitos de profundidade
- O ritmo
- A questão "estilo"
- A beleza da obra de arte.

As interpretações das análises de uma obra de arte:

— física — metafísica — baseada no Pensamento Filosófico Contemporâneo — ismo.

SISTEMÁTICA DE TRABALHO:

Explicação oral (orientação) — exemplos práticos; apresentação de estampas e projeção de slides.

Este curso poderá ser executado numa carga horária que varia de 8 a 24 horas.

...AVALIAÇÃO:

Dado uma estampa e um roteiro de observação, o frequentador do curso deverá responder as questões propostas neste roteiro baseado nas fontes de referência, em 30 minutos, com 75% de acertos, para receber um certificado de participação, que no entanto implicará também numa presença total às aulas previstas.

Antonio Santoro Junior
(São Paulo — SP)

FRITZ'S

O local tranquilo onde você pode levar sua esposa ou namorada e esquecer os atropelos do dia a dia. Funcionando todas as semanas a partir de quarta-feiras.

CHOPARIA E PETISCARIA

Rua São Paulo, 777
Fone 22-5659

BLUMENAU
Sta. Catarina

CURSOS

CURSO DE MARKETING, TÉCNICAS DE VENDAS, MOTIVAÇÃO E RELAÇÕES HUMANAS NO TRABALHO

OBJETIVO: A finalidade é de aprimorar o homem de vendas e seus dirigentes, dando técnicas do moderno marketing e maximizar motivação para um melhor relacionamento com a empresa e sua clientela.

A QUEM SE DESTINA-

- * Profissionais de toda e qualquer área
- * Empresárias
- * Vendedores
- * Corretores
- * Lojistas
- * Administradores
- * Gerentes
- * Estudantes
- * ...enfim a todas as pessoas que querem e precisam se aprimorar no ramo de vendas ou compras (MARKETING)

MATERIAL DIDÁTICO

Você ganhará para fazer este curso todo material didático como:

- * Fitas K-7 gravadas com "as dicas" das sessões
- * Textos — Resumo do curso
- * Material para anotações
- * Certificado de conclusão do curso
- * Organização para encerramento festivo

PROGRAMA

- * Abordagem inicial do moderno conceito de Marketing com seus fundamentos econômicos
- * Abordagem dos princípios do sucesso, material Audio-Visual com slides
- * Estudo do Marketing
- * Funções do Marketing
- * Técnicas de Vendas
- * Relações Humanas no Trabalho — Material Audio-Visual com slides
- * Tipos de liderança e a função do Líder
- * Abordagem profunda do Relacionamento do Homem ao Trabalho
- * Treinamento Audio-Visual na área de liderança, organização e direcionamento de Vendas

BENEFÍCIOS DO CURSO — MORH — VENDAS

Neste curso você aprenderá:

- * Técnicas de vendas
- * Segmentação de mercado
- * Segmentação psicológica
- * Conceito e evolução histórica do marketing
- * Estudo do produto, lugar, promoção e preço
- * Lei psicológica da reciprocidade
- * Fundamentos econômicos do marketing
- * Funções do marketing
- * Relações humanas no trabalho
- * Adaptação do homem ao trabalho
- * Adaptação do trabalho ao homem
- * Adaptação do homem ao homem
- * A função do líder e do liderado
- * Formas de falar, de ouvir, sentar, discutir, perguntar e concordar
- * Tipos de liderança
- * Como dirigir um grupo
- * Princípios do sucesso
- * A importância da autorização
- * Atitude mental progressiva
- * Psico — Cibernética
- * Empatia e criatividade
- * Brainstorming individual e grupal
- * Outras técnicas que o K — Centro de Aprimoramento dar-lhe-á para você ter sucesso e alto preço.

ESTÓRIAS CURTAS

CASTIGO

Carlos Adauto Vieira

Para o BETO aquela cortiça na TV todos os dias, exatamente quanto chegava em casa, aí pelas seis e meia da tarde com a mulher, os filhos e a empregada grudados no aparelho e, à toda hora, fazendo-lhe "pest", "olha a novela..." e o mandando calar-se ou ficar quieto, tinha de acabar.

Gostaria de chegar, bater um papo com a mulher, tomar um aperitivo com ela, como nos filmes americanos, brincar um pouco com os filhos e ver a empregada na cozinha preparando o jantar.

Mas, isto era um sonho.

Estavam todos vidrados na televisão, assistindo às novelas.

As vezes, depois de ter tomado banho, preparando um aperitivo, dava umas ordens para a empregada, a fim de banhar o coreto.

Porém, ficava sempre e minoria e defendendo-se de uma oposição agressiva.

Num dia de raiva, observou para a mulher:

— As piores coisas aconteceram, aqui em casa, exatamente, das 18,30 às 21,30, hs. É a sopa dos guris, que se queima, e a mamadeira da menininha, que se azeda, e a empregada que quebra coisas. Um inferno. Eu não acho o pega-go, nem o baldinho. Um inferno, mesmo, tudo por causa do raio desta televisão. Isto pode continuar.

A mulher, prestando atenção à novela estava e à novela continuou a prestar a atenção.

Beto, então, resolveu partir para a vingança, apelar.

No dia seguinte, cedo, antes de ir para o serviço na companhia, tirou do fio condutor de eletrecidade para a televisão um dos pinos, evitando, desta forma, a passagem da corrente. Queria ver eles verem novela naquele dia.

A hora de costume não voltou, demorou um pouco, jogando caneco com uns amigos, imaginando o desespero em casa.

Quando chegou, estava a turma inteira diante da televisão.

Engoliu em seco com a decepção, mas, fingindo ignorar qualquer coisa, perguntou:

— Tudo bem por aqui?

— Agora tá, respondeu a filha. Mas foi um rolo.

— O que, filha?

— A televisão. Não pegava. Aí a mãe chamou uma firma que arruma e, num instantinho eles deram jeito. Não foi mãe?

— Foi, sim. Era uma válvula meia solta, o fio quebrado, não dava contato e um parafuzinho. Agora tá ótimo, Também, pagamos 298 cruzeiros do conserto.

Em Florianópolis você compra o Jornal

O ACADEMICO

na distribuidora de Livros, Jornais e Revistas

ILHABEL

Rua Anita Garibaldi, 37

Fpólis — Santa Catarina.

ACADERNO ESPECIAL

FU SEI QUE TGE-OS TEM PREDISPOSIÇÕES PARA ADMIRAR ALGUMA COISA NESSE MUNDO, MAS ADMIRAR O BELO É UM DEVER DE TODOS. (O. O. J.)

Terrara

Lati —
— Fúndios
Mini —
— Fúndios
Sertões pradarias
Terrasterrasterras
Terra-plena
Terra-plana
Plano-alto
Plano-baixo
Lavra-terra-ara
Mãos
Que Não São
Mais suas
Assalariados, parceiros
Meeiros
Vaqueiros
Posseiros
Lavra-a-dor
Em plena-plana-terra
Ara
Erra
Mugido
É o ruído
Dos lábios dos arados
Jungidos
Em suas intenções
Garroteados
Em seus impulsos
Forte pulso
Acorrentado
Vendido e vigiado
Como os frutos
Ali colhidos.

Cireneu M. Cardoso
Fpólis. (Sta. Catarina)

Rolar a pedra

Amo a pedra que rola contra o rio,
furando a corrente em sentido contrário
deslizando firme, criando atrito,
enquanto, rápidos, passam os detritos.

Muda, a margem que olha estática,
a líquida imagem voraz, sem estética,
paisagem quieta, inocente, passada,
em u madeus de espuma volatizada.

Contra o rio, amo a pedra que rola;
murmúrio, queda e vapor afora,
palavras fúteis reprimindo a vida;

a pedra rolando, rolando, combatida,
quanto o silêncio, nenhuma voz tão dura,
quanto a nascente, nenhuma foz tão pura.

Marcus Mendra
Belo Horizonte (MG)

Evocação para um coveiro

I

a explicação
se nessas calçadas cariadas
que os pensamentos masturbam a noite
nós bebemos lama
e nesses becos fedidos
que as prefeituras cospem fezes
entre as fezes
nos transformamos em piranhas
talvez a carniça alguém possa despertar

II

do desespero
morreu o Homem em beira do asfalto
sem vela bênção ou oração está encajado sem vestes
roubado quadro disforme degradante para a visão
perguntem por um coveiro e gritem-lhe eis que chegam
as larvas carniceiras portadoras de dossiês universais
e roem alaridas o entulho de postas (comensais)
ou expliquem-lhe que a terra oxidou-se e brônzea a
lima está
da pá rotineira e de ferrugem a transformar-se então
os pés
do filho herdeiro
ou gritem-lhe ainda que as putas atacaram um
mineiro
rasgaram-lhe as vestes roeram-lhe o umbigo
beberam-lhe o sangue e tiraram-lhe o dinheiro
mas implorem ao coveiro
morreu o homem em beira do asfalto
e caído nas pedras desfeito homem
entulho de postas entrave aos homens
estúpido tronco amontoado está
tombado guerreiro.

(Maria Odete Onório Olsen)

O marginal do mundo

* Oldemar Olsen Jr. *

Primo incerto de grandes mamelucos,
Transitoriamente por onde andas,
Deixas mesquinhas impressões nefandas
De ociosos e Obscuros seres caducos.

Dos fétidos e nauseabundos mucos,
Semelhantes a restos de quitandas,
Alheios aos róticos das propagandas
Com a incoerência cínica de eunuocos .

Inútil é explicar para as paredes
O centro agonizante deste mal.
Ironicamente assim como vê-des,

Estou só no interior da multidão,
Percebendo o gosto aziago do sal
E o contágio torpe da Incompreensão!

Entendimento

Ingrid Roessel

Mestre quem sou eu?
Um dentre os muitos de uma espécie.
Corro, não paro, não descanso.
Minha vida um compartimento viciado, guiado por
um louco desenvolvimento
Minha mente consumida pela obstinada ambição.
Meu alimento o artificial e o sobrevivente natural
injetado.
Meus pulmões gritam por ar, eu os sufoco com o gás
que a máquina espirou.
A audição abarrotada de sons estridentes e desorde-
nados.
A visão um menso amantoadado de asfalto e concreto.
Presente, assisto a elevação da criação e a condena-
ção do criador.
A maquina atômica uma perfeição venerada,
o homem - criador esquecido e desajustado.
Guerra a grande realidade, paz uma falsa verdade.
Ah sublimes matérias atômicas e metais!
Minha vida dirigida por vocês, alucinados engenhos.
Composto como fórmula construtiva, vivo como re-
sultante negativa,
imutavelmente preso a infinitas normas e leis impos-
tas,
onde o clamar das entranhas é abafado pelo passado
do progresso.
Dominado por este obsecado processo, sou punido se
ferir a carne,
mas louvado se esmagar o profundo.
Ela, desta ilimitada corrente, sou um ser integrante
deste sistema,
e então, denominado "Humano"

A flor e a grade

Por trás da flor existe a grade e a pedra
e a face oculta a espera de uma dádiva
sem pena, sem mensuras e sem memórias,
e a semente germina-se da terra
avolumando-se em espigas prenes
aguardando outra aurora lúcida, ávida,
enquanto a mesma flor no tempo medra
crescendo pelo olhar em fria guerra
entre as reais e irreais histórias
avolumando-se em espigas prenes

O homem esquece a flor por trás da grade
esperando o perfume da manhã
nas visceras do sonho enquanto a pena
o faz viver fechado no seu mundo
sem damas, sem seus reinos, sem cavalos
ouvindo ao longe o surdo rataplã
do tempo de menino com saúde.
Sente-se, agora, só, e num profundo
esforço arruma a voz, outrora amena,
clamando por suas damas, seus vassallos.

Insistência

Izabel Pavesi
Blumenau-SC.

Você se rala
se agarra
se joga e se afoga
mas não desiste
resiste
insiste
em seguir.
Lhe arrazam
desgastam
lhe matam até.
No peito corroído
sugado
dilacerado
persiste uma chama.
Que é brasa
acesa
e em pedaços
aos trapos
se agita.
E você vai.
Um grito.
um gemido
Lhe contornam os lábios.
Por mais dura que seja a passagem
não cansa
rebenta
sangra esse seu peit.
jorra
goteja esse seu sangue
em poças
doças.
Caminha
Avança
com a lança que há muito lhe partiu
com a dor que há muito lhe penetrou .
E mesmo assim,
Você vai.

Artêmio Zanon
(do livro "Poetas Brasileiros Atuais")
(Urussanga — SC)

Por trás da grade existe a face e a dor
que espera pelo tempo que se escoia
no diálogo monótono das horas
e olhos cansados esperando a luz
que sobe entre os quadrados da janela.
O homem por trás da luz se julga à toa
e tem vontade de pegar a flor
e, sorvendo o perfume que a seduz,
perder-se no seu sonho a ouvir sonoras
ilusões nos quadrados da janela .

Dentro da noite existe a morte e o sono
e a força humana que se faz em vida
e espera de uma estrela, de um sorriso,
esguendo as mãos para agarrar o sonho
da flor em seu perfume encarcerado,
pulsando sob a terra carcomida .
Dentro da noite, o nômade abandono
põe o silêncio em tréguas e eu suponho
que o homem, por trás da grade, espera o aviso
da flor em seu perfume libertado.

Renascimento

Pedro A. Grisa
(Canoinhas — SC.)

O mundo calado chorava
a ilusão de um passado perdido.
Duas janelas se abriram na noite,
e um suspiro banhado de orvalho
comoveu as entranhas da terra.

E — no morro — uma estátua se ergueu,
proclamando a vitória de um tempo vindouro:
— "É preciso que haja noites para haver auroras
"Dos escombros da guerra — vida nova ressurgiu

E as casas abriram suas portas.
Crianças e jovens saem pelas ruas.
É manhã de esperança nas novas gerações,
e não de gemidos e lamentos sobre cadáveres e
túmulos.

E a Estátua proclama outra vez:
— "Jovens, é tempo de lutar.
"São horas de construir e amar.
"De escalar e transpor as montanhas das eras.
"Se sepultemos os mortos com respeito,
"mas voltemos às lutas que são nossas".

E — a um gesto largo —
a Estátua se pôs a caminho...

Crianças alegres em bandos sorriem
da escola a caminho em busca do ser .
E jovens de colégios e facultades
discorrem sobre política e amor,
falam de guerra e justiça.

Raio de sol irrompe entre as nuvens.
Estranho brilho envolve a Estátua
sobre o pináculo azul da montanha.
Ela se volta e proclama:
— "A vida. A vida é bela,
pra quem sabe vivê-la.
Brilha farol de esperança
num céu, não de bonança,
mas num campo de batalha
entre misseis e metralha.

"É preciso lutar,
gente que sabe amar.
Não podemos prosseguir
na injustiça, sem ir
para o caos e pra guerra
destruir o que há de bom na terra.

Parai, jovens. Parai.
Ouvi, ouvi os ais
que saem da multidão.
Já não há paz nem perdão.
Justiça e amor semeai.
Ao Mundo quem sois mostrai ."

E a Estátua no alto brilhou
de esperança e amor .
à escalada da vida na
do construir e do retribuir
luzindo no peito dos
que conquistam a
no amor dos irmãos.

sinal
Apelo
senda
Medalha
fortes
glória

Renascimento

Pedro A. Grisa
(Canoinhas — SC.)

O mundo calado chorava
a ilusão de um passado perdido.
Duas janelas se abriram na noite,
e um suspiro banhado de orvalho
comoveu as entranhas da terra.

E — no morro — uma estátua se ergueu,
proclamando a vitória de um tempo vindouro:
— "É preciso que haja noites para haver auroras."
"Dos escombros da guerra — vida nova ressurgiu".

E as casas abriram suas portas.
Crianças e jovens saem pelas ruas.
É manhã de esperança nas novas gerações,
e não de gemidos e lamentos sobre cadáveres e
túmulos.

E a Estátua proclama outra vez:
— "Jovens, é tempo de lutar.
"São horas de construir e amar.
"De escalar e transpor as montanhas das eras.
"Se sepultemos os mortos com respeito,
"mas voltemos às lutas que são nossas".

E — a um gesto largo —
a Estátua se pôs a caminho...

Crianças alegres em bandos sorriem
da escola a caminho em busca do ser.
E jovens de colégios, facultades
discorrem sobre política e amor,
falam de guerra e justiça.

Raio de sol irrompe entre as nuvens.
Estranho brilho envolve a Estátua
sobre o pináculo azul da montanha.
Ela se volta e proclama:
— "A vida. A vida é bela,
pra quem sabe vivê-la.
Brilha farol de esperança
num céu, não de bonança,
mas num campo de batalha
entre misseis e metralha.

"É preciso lutar,
gente que sabe amar.
Não podemos prosseguir
na injustiça, sem ir
para o caos e pra guerra
destruir o que há de bom na terra.

Parai, jovens. Parai.
Ouvi, ouvi os ais
que saem da multidão.
Já não há paz nem perdão.
Justiça e amor semeai.
Ao Mundo quem sois mostrai."

E a Estátua no alto brilhou
sinal
de esperança e amor.
Apelo
à escalada da vida na
senda
do construir e do retribuir
Medalha
luzindo no peito dos
fortes
que conquistam a
glória
no amor dos irmãos.

Responso lírico

(A. Garibaldi)
Portugal — Europa

PARA O TUMULO DE FLORBELA ESPANCA

Esta que dorme, Florbela - Flor,
Asa ou estrela que caiu do céu,
Alma tristonha que sentiu a dor,
Foi coração que por amor se deu.

Esta que dorme, Florbela - Flor,
Harpa ou magnolia dos jardins do céu,
Renda tecida no tear do amor,
Foi coração que por amor sofreu.

Esta que dorme, Florbela - Flor,
Beijo de luz que mal amanheceu,
Calor de ninho e ninho sem calor,
Foi coração que por amor cresceu.
Esta que dorme, Florbela - Flor,
Seara que em versos de ouro floresceu,
Espargindo perfume ao derredor,
Foi coração que por amor ardeu.
Esta que dorme, Florbela - Flor,
Noite onde um sonho azul escureceu,
Corpo de flor, de flor, corpo de flor,
Foi coração que por amor morreu!
Portugal — Europa

Arvore

Wilson Trevisan

Há milênios vers verdejante,
Com a terra és cortejante.
Ambos em conjunto, verdadeiros amantes.

Em sombras abraças com fervor,
Areas que protejes do calor,
Tens o dom do fruto e da flor.

O vento passa, te acaricia,
Tocando suas folhas e flores macias,
Transportando o pólen, nova vida incia.

Fraudolentos!!!, querem te cortar,
Ignorantes!!!, trocam dinheiro pelo seu lugar.
Sombras, flores, frutos, não mais podes dar.

Sentes a dor do machado,
Abre-se na terra novo traçado,

O capitalista no progresso,
Anatureza em regresso,
Pobres diabos de ti querem o sucesso.

Sêca

(Nilma Gilli)

A sombra desmuda
Sófrega, ilusória,
Em desespero,
Num abraço, mudo, à terra sêca, esturricada
Tenta em vão, sociar sua séde.

Force, retorce.
Uma gôta palida,
Desprende.
Seu sarcasmo profundo, desce-lhe às estranhas
como fel

Seu corpo fraco, asqueja.
Os congos braços, distendem-se como em súplica.
Comprime-lhe os músculos.

Manchada de sangue e suor,
A fonte pálida.
De suas vestes privada, de sua sede insaciada.

Nem uma luz de esperança!
— Oh rei das galáxias, por que me fazes sofrer?...
Por que o seu brilho me ofusca?...
De luxúrias me privaram, de amarguras coroaram.
Atiraste-me num vão, sem deixar-me numa ilusão.

Melodias do além

(Sob a inspiração de um desconhecido)

(Arnaldo S. Thiago)

Oh! a mulher! Na trama do destino
a mulher é refúgio peregrino
para as almas perdidas na desgraça:
mas também pode ter nas mãos a taça
que o veneno contém e que nos mata,
não da morte do corpo, ao corpo inata,
porém daquela morte a que o Cristo
referindo-se, disse: "Olhai bem isto:
não temais os que apenas dão a morte
ao corpo e nada mais, da mesma sorte,
fazer corseguem; mas temeai aqueles
que às almas dão a morte igual à deles,
que no pecado vivem submersos..."

Oh! vós que um dia lerdas os meus versos,
cheios de dor, angústias ressumbrando,
sabei que meu destino atrás, nefando,
depois de dar-me mãe, esposa, filhas,
de virtudes modelos, pôs nas trilhas
por onde transitei, outras mulheres
que soveram na taça dos prazeres
o veneno letal dos desenganos
e, transidas de frio, na flor dos anos,
vinham mostrar do coração as chagas
abertas pelo vício e sempre pagas
com outro dos grandes deste mundo,
que, depois de lançá-las nesse imundo
esterquilínio infame e miserando,
deixavam-nas entregues — triste bando
de corças, por leões despedaçadas,

Eterno amor

Arnaldo S. Thiago
(Rio de Janeiro — Rio)

Não! Não morre jamais o amor que é santo e puro
Se agora adormecer, acorda no futuro,
mais vivido, mais forte e muito mais pujante!
Se foi lenho na Terra — é no Céu diamante.
Acende-se — paixão; brilha sempre — amizade.
Foi na Terra um vulcão — é no Céu claridade.
Se deu vigor ao corpo — o espírito enrigece.
Continua a viver — quando o corpo fenece.

Assim o amor de mãe, o amor paterno, o amor
filial, todo amor, de servo ou de senhor,
que não há distinguir na essência imaculada,
a irmanar, um por um, da grei humanizada
os espíritos bons que o nosso mundo encerra.
Mas existe um amor que o cenário descerra
do infinito onde paira o Espírito de Deus.
Tem a essência vernal e a forma dos Proteus:
Desabotoa em flor, transforma-se no fruto.
Fode morrer de dor ou cobrir-se de luto,
pela morte de alguém que muito amava e chora.
Foi semente — germina; é uma plantinha agora;
será lenho depois e chama e cinza apenas...
Lagarta pelo chão, de que saem as falenas;
um bocado de pó, o perfume da flor;
é tudo e é sempre o mesmo esse infinito amor.
Despreza as convenções; agita-se, emudece.
Se o deixam a chorar, como o fogo arrefece,
para explodir, depois, com força redobrada,
no perpétuo ascender da essência sublimada.

Com este amor assim é que eu te chamo — e quero
e embora nos separe este destino fero,
havemos de encontrar, na eterna convergência,
um ponto onde, afinal, de existência a existência,
possamos encontrar nosso equilíbrio — a glória
de, juntos, percorrer a mesmo trajetória!

ENSAIO A educação do ser poético

Carlos Drumond de Andrade

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?

Será a poesia um estado de infância, relacionado com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver — estado de pureza da mente em suma?

Acho que é um pouco de tudo isso, e mais do que isso, pois, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo a fora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia.

Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instituto poético da infância, que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?

Receio que sim. A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Sei que se consome poesia nas salas de aula, que se decoram versos e se estimulam pequenas declamadoras, mas

será isso cultivar o núcleo poético da pessoa humana?

Oh, afastem por favor a suspeita de que estou acalentando a intenção criminosa de formar milhões de poetinhas nos bancos da escola maternal e do curso primário. Não pretendo nada disto, e acho mesmo que o uso da escrita poética na idade adulta costuma degenerar em abuso que nada tem a ver com poesia. Fazem-se demasiados versos vazios daquela centelha que distingue uma linha de prosa, ambas preenchidas com palavras da mesma língua, da mesma época, do mesmo grupo cultural, mas tão diferentes. Se há inflação de poetas insignificantes, faltam amadores de poesia é formar de praticá-la, recriando-a.

O que eu pediria à escola, se não faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

Não seria talvez despropositado cuidar de uma extensão poética das escolinhas de arte, esta idéia maravilhosa que Augusto Rodrigues tirou de sua formação humana de artista para a realidade brasileira. Longe de ser uma fábrica alarmante de versejadores infantis, essa extensão, curso ou atividade autó-

noma ou que nome lhe coubesse, daria à criança condições de expressar sua maneira de ver e curtir a relação poética entre o ser e as coisas. Projeto de educação para a poesia, principalmente de educação pela poesia (fala-se hoje em educação oartística no ensino médio, quando o mais razoável seria dizer educação pela arte). A vocação poética teria aí uma largada franca, as experiências criativas gozariam de clima favorável, sem que tal importasse na obrigação de alcançar resultados concretos mensuráveis em nível escolar. Sei de casos em que um engenheiro, por exemplo, aos 30, 40 anos, descobre a existência da poesia. Não poderia tê-la descoberto mais cedo, encontrando-a em si mesmo, quando ela se manifestava em brinquedos, improvisações aparentemente absurdas, rabiscos, achados verbais, exclamações, gestos gratuitos?

Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da educação, valeria como corretivo prévio de aridez com que se costumam transcorrer os destinos profissionais, murados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio. E a arte, como a educação e tudo mais, que fim mais alto pode ter em mira senão este, de contribuir para a adequação do ser humano à vida, o que, numa palavra, se chama felicidade?

Um sino

(Evaristo Poltronieri)

Quem
não tem
quem,
quem não
Bem,
quem.
Bem,
não bem
bem!
Vem se alguém
vem,
Bem!
Importa quem!?...
mas tem

em bem,
lá quem
de bem
e amar
souber!
Vem!
Faz bem quem
um Bem tem,
riso aberto vem,
livre idéia tem!...
amor não vem
nem vai, mas,
igual não tem, não!
Vem!

Revoada horizontal

Carlos Werner Martins
(Fpólis — SC)

(Surgiste)
grande mistério
envolto em chamas
clamando pela noite

Na selva densa
pássaros
(dispersos)
rebuscam o que perdemos

No bater de asas
o fogo
a emoção
o clarão dentro da noite.



Flamingo

CAMA — MESA — BANHO — MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS

OPINIÃO O público não lê: pechincha

CELESTINO SACHET

Uma das características de nossa "intelligentzia" rubro-verde, é a facilidade com que se dizem coisas e a rapidez com que se chegam a conclusões "juro-por-Deus-que-são-verdadeiras".

É, uma delas é que no Brasil se lê pouco. Muito pouco (Claro que seríamos ingênuos se disséssemos que "por acá" se lê mais do que pelas outras bandas do Atlântico).

Em termos de "leitura do discurso poético", claro, claro que no Brasil não se lê quanto e como ler se deveria. E por quê?

De começo, porque os que escrevem — os que escrevem bem, digamos — sofrem as tentações de dois demônios incuráveis: a inacessibilidade e o panelismo. De primeiro, só escrevem para os grandes jornais da grande Burgueisa; de segundo, publicam — e só — em grandes

E o panelismo vou te contar

editoras (até mesmo, multinacionais); de terceiro, são difíceis de serem encontrados, difíceis de serem conversados e convencidos.

E daí, não promovem o livro. Não se promovem diante de possíveis novos leitores. Viram uma espécie de Academia onde a imortalidade da posição não lhes permite mistura com os outros pobres mortais (reles pecadores de letras mais ou menos prostituídas).

E o panelismo, vou te contar. Você foi convidado para o Congresso de Crítica em Campina Grande) Vocês, poeta, escritor, crítico, jornalista, recebeu passagens e diárias para contar as suas experiências, suas dores, suas cores e suas flores, em qual Encontro de Escritores? No de Brasília? No de São Paulo? No de

Gramado? No Projeto Cultura, agora, em Porto

... e arrisca a levar ferrada até do próprio autor.

Alegre?

No momento em que você recebe o carimbo de "Bom" todas as portas — mesmo, todos os portos — de todos os Congressos se abrem para acolher nas objetivas das televisões e nas rotativas dos grandes jornais e revistas a sabedoria estética e literária que brota e brota.

Agora, você, poeta, que está mimeografando seus poemas; você contista que está contando suas pequenas histórias; você que pede um lugarzinho neste sol azul da glória das letras está se virando como?

E, daí, o público brasileiro, lê o quê? Lê os best-sellers escritos por computador americano, lê banguê-banque escrito por gente que assina o nome com cara de "mister"; lê o Pato Donald sem saber que o grande "pato" é o próprio. Ou, então, lê o Drummond porque obrigaram lá na escola: lê o Jorge Amado porque — diz a publicidade — 120 mil brasileiros que

Falta ler a sociedade pelo

romance.

compraram o livro a 20% de salário mínimo —, tinham um certo status (Você bota o "Tietá" debaixo do braço e todo o mundo vai olhá-lo com certo ar de "inferior complexo da literariedade superior".

Você bota um Alcides Buss, um Pincheiro Neto, um Pisani, um Lindolf, um Hoffmann, um Raul Caldas, um Flávio

Cardoso um etc. (e neste etc, por favor, o gente que escreveis, lêde o vosso nome você bota um catarinense e arrisca a levar ferrada até do próprio Autor).

E não se lê porque os que ensinam a ler, não se deram conta de que repetir o que está no livro não é ler. Ler é descobrir, por detrás das letrinhas miúdas e das lettronas graúdas as coisas mais da vida do que do livro. Iracema vale, não como história da "índia" que trai uma como história da "índia" que trai uma

Falta ler o mundo pelos livros.

raça para se "casar" com um português; o livro vale na medida em que, por detrás da historinha água-com-açúcar, cada um de nós encontra o seu Destino, a sua Missão, a sua Razão de existir.

Então, o que falta, não é ler. O que falta é a leitura das coisas que estão aí. Falta ler o mundo pelos livros. E, não, o mundo dos livros. Falta ler o Real pela Ficção. Falta ler a Sociedade pelo romance. Falta ler a Sociologia, a Economia, a Religião, A Política pelas artes do Poeta e pelas técnicas do Artista.

É fácil ler 1 livro por mês. Agora, o difícil — e isto é leitura —, é ficar 1 mês em cima de uma página de 1 livro. Ou de 1 poema.

Ler as centenas de poemas de Cecília Meireles até que se lê. Agora, ficar duzentas horas dentro de um poema de Cecília, encontrar-se neste poema, sair do poema para entender, para melhorar, para aperfeiçoar o Mundo, isto ninguém lê. Todo o mundo pechincha. Pechincha porque mandaram que penchichasse. Mandaram que trocasse o tomate bem brasileiro pela "massa de tomate" bem multinacional!

KOISCE'S

A ÚLTIMA REUNIAO DO D.C.E.

Quando lá cheguei, de penetra é claro, acontecia uma calorosa discussão. Entre o Presidente do DCE e o Semi Eleito, (Silvio Borges).

O Presidente do DCE terminou a reunião devido aos insistentes protestos do Semi Eleito.

A coisa ficou assim—:

Volta Presidente —

Não volto, terminei e fim de papo

Mas não saiu da sala.

Então pediram ao Semi Eleito que se calasse.

Voltas agora Presidente?

Não sei preciso pensar, tá bom eu volto.

O homem pensou rápido, pois não demorou um minuto sua decisão.

Agora as palavras do Presidente na Integra.

Eu TRUSSE comigo uma anotação com os erros cometidos durante minha Gestão —

Um Gaiato disse para o outro:

Se ele for dizer todos os erros ficamos aqui a noite toda. O outro respondeu:

O primeiro erro foi ele ser o Presidente.

Nos TEMO errado mas foram erros sem malícia.

O Gaiato novamente: :

Foram por BURRICE mesmo.

A minha gestão sempre visei o bem do estudante

O Gaiato:

Além de BURRO é Mentiroso.

Bem senhores e senhoras peço desculpas pelo incident-

te, mas é que não admito que ninguém fale comigo num TAO alto.

O Gaiato:

Ele quer dizer ton

Bem como sempre a reunião acabou sem levar a conclusão alguma.

* = *

CARGO NOVO DO DCE DIRETOR do R.U.

Como conseguiu-lo?

Sendo amigo do Presidente.

O Diretor do R.U. mandou o seu IRINEU retirar todos os cartazes da Parede dizendo ser anti-estético.

Agora teremos nas paredes flores, estrelinhas, etc. que não mais adequadas para a vida estudantil tão poluída de cartazes.

Descobriu-se um novo tipo de MOEDA
MOEDA

MOEDA ou MOÉDA EIS A QUESTÃO

PENSAMENTO DO MES

A BARATA comeu o Grilo

FRASE DO MES

Quem procura Acha

NOVELA DO MES

O Semi Eleito

Silvio Borges do Direito

O SURFISTA

Quando chega o verão Manoel Ferreira (CANDANGO) vem à FURB de calção de surfista, sandália havaiana, rack no carro (ferros para prender a prancha de Surf) pensei ser ele um bom surfista. Mas contaram-me que ele não sabe nem em prancha de passar roupa.

ENTREVISTA I :

OLDEMAR OLSEN JR.
O QUE PENSO DAQUILO QUE PENSO.

... Você perguntará onde eu quero chegar... Eu não pretendo chegar a lugar nenhum, desejo apenas que você chegue onde eu estou. Não sei quando, pessoas como eu, tem consciência do seu chamado gênio. Quanto a mim, sempre estive preocupado em estar preocupado. Não posso compreender como existem pessoas que desconhecem suas verdadeiras capacidades...

— A indiferença é importante?

— A indiferença me revolta.

— Não é pretensão fazer uma enquete com o próprio ego?

— Ego ou superego, conheço Freud mas estou mais preocupado em mostrar o que penso do que pensar no que me mostram.

— O que você acha do sistema?

— O único sistema que conheço é o sistema fisiológico de meu organismo.

— Você vive num mundo e aprende com esse mundo?

— Evidentemente. Se você ouve e não aprende nada foi porque disseram o que já sabias, consequentemente, perdeste o teu tempo.

— E a crítica?

— A decantada crítica construtiva não existe. Quando você critica, na realidade foi porque não gostou e, ao dar outra opinião, a primeira deixou de existir para você, consequentemente o que há outra idéia, diferente, portanto da primitiva.

— Sobre o ser humano?

— Eu sou humano. Antes de tudo e acima de qualquer coisa está o ser humano.

— Mesmo com tanta gente ignorante no mundo?

— Você tem razão. Uma vida é bastante curta para que se tolere os tolos e os chatos, mas bendito sejam os idiotas porque eles são felizes.

— E a virtude?

— A virtude é o amor ao sucesso.

— Você não acha que as definições limitam as coisas definidas?

— Eu não defino, apenas conceituo.

— A poesia?

— O que você sente isto é poesia.

— E os amadores que andam perambulando na literatura?

— Não creio no amadorismo em literatura, acredito que o que existe são escritores mais ou menos conhecidos.

— Porque o silêncio durante tanto tempo?

— O silêncio é a bíblia do intelectual enquanto pensa e o catecismo do idiota enquanto dorme... Muito embora o caratinense seja comparado, quando emite uma opinião, a uma mula dando coices... E a mula tem uma vantagem...

— Porque ela tem quatro pés?

— Não. Porque ela acerta os coices.

— Você não está sendo espirituoso demais?

— Poucos homens possuem decoro suficiente para se constituírem espirituosos de êxito.

— Você teve alguma revelação para dizer o que está dizendo?

— Não existe revelações, exceto as fotográficas.

— Porque você não pratica o que diz?

— Talvez porque a prática exija menos talento que a criação.

— O que é importante?

— Tudo. Mas nada é insubstituível.

— Em que circunstâncias?

— Circunstâncias não se discutem.

— Alguma coisa simples?

— As coisas simples ferem. Principalmente quando são verdades e, todos nós detestamos as verdades quando são ditas por pessoas que nos fazem ver o quanto somos tolos em tentar justificar no complexo nossa incapacidade de entender o simples.

— Não existem alternativas?

— A alternativa é apenas um processo. Sempre haverá uma próxima vez e nunca mais uma primeira vez.

— O que é belo?

— Belo são os sentimentos. Belo pode ser uma flor; belo pode ser um verme purulando uma carcaça apodrecida... É fácil admirar o belo quando ele é evidente, difícil é admirá-lo onde nada existe para se admirar.

— Nessas ações, os meios não beatificam os fins?

— Ações! só conheço as beneficentes. — Como o teu objetivo é fazer tudo com objetivo porque fazer poesia sobre vermes e outras divagações escabrosas?

— A náusea é também uma forma de angústia.

— Alguma brincadeira?

— Brincando é a maneira mais séria de se dizer as verdades.

— Dentro de que espírito?

— Entre os que eu detesto... Espíritos porcinos.

— Você é muito condicionado, recalado?

— Talvez. Freud estudou o problema e não resolveu os seus problemas. Acredito que a transmissão de recalques não soluciona problemas.

— Quando é bastante?

— Nada é bastante quando se luta contra si próprio.

— Você ama?

— Sempre imaginamos dar amor a nossa maneira; mas quando realmente damos, então, é sempre tarde demais.

— E o gênio?

— Eugênio.

— Regime f Democracia?

— Num regime falimentar sempre existe o lobo de uma nova democracia.

— Dependências?

— Dependender de alguma coisa ou alguém, significa sempre ter algo a lamentar.

— E os erros?

— Precisamos deles para nos lembrar que somos humanos.

— Falamos do homem, e o gênero humano?

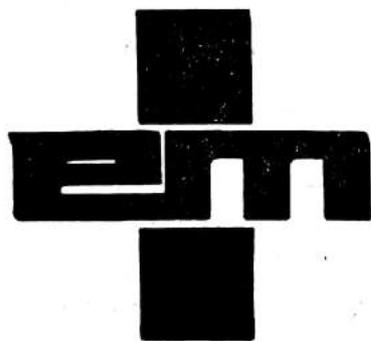
— O único gênero que conheço são os gêneros alimentícios.

— Preocupações?

— Infelizmente, de pensão alimentar a lombriga não vive.

— Alguma prova de que existimos?

— Sartre que me perdoe. É fácil comprar argumentos para justificar nossa existência no mundo, difícil é gastar arrependimento para manter a ilusão



ELETRO MÉDICA S. A.

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TÉCNICO E ESMERADO ACABAMENTO, LINHA COMPLETA DE MÓVEIS HOSPITALARES, PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERAÇÃO.

Rua Iguacu, 89 - Tel.: 22-4099 - 22-1868 - 22-4956 - C.P. 488 - 89.100

BLUMENAU

SANTA CATARINA

APESAR DE TUDO, SOU CATARINENSE

de não estarmos sendo econômicos demais.

- Algo a lamentar?
- Não fiz melhor porque não entendi, mas dentro do que entendi, eu fiz o melhor.
- E os movimentos de massas?
- ... Com o advento das massas To-deschini (sen. comercial), revolucionar as massas se tornou supérfluo... E os padeiros estão com tudo.
- Outra opinião?
- Todos tem o direito de mudar de opinião, principalmente quando estão errados.
- Muita resistência?
- Hoje, não basta resistir, é necessário transformar.
- Glória?
- As pequenas glórias produzem os grandes hipócritas.
- Consciência coletiva?
- Talvez eu esteja esmagado com o peso da minha própria consciência em ter consciência de todas essas inconsciências artísticas.
- E os animais?
- Gosto deles porque são irracionais.
- Saudades?
- Gosto de ter saudades de não saudades.
- Sobre as recordações?
- Recordar é viver, mas viver de recordações é ter uma morte prematura.
- Sobre o Homem e a mulher?
- Todo homem deve possuir algo que o distinga de uma mulher além do sexo. Um pouco de sonhador, o suficiente para mostrar que é humano; caráter — privilégio de racionais; lealdade, qualidade inerente em quem tem caráter e um certo amor próprio que o faça ter a certeza de ainda ser um homem.
- O que é importante?
- Você me pergunta a mesma coisa pela segunda vez... O importante é invisível aos olhos.
- Coincidência?
- Coincidência é o acaso premeditado.

- Acaso?
- Acaso é a esperança dos imbecis.
- E o materialismo?
- A matéria é uma realidade indiscutível.
- E Deus?
- A consciência é Deus no íntimo do homem.
- Sobre o trabalho?
- O trabalho é a democracia dos fortes.
- O que é óbvio?
- É admiti-lo.
- E a vida?
- A vida é uma hegemonia transível para um aperfeiçoamento imutável.
- E a arte?
- Na natureza nós encontramos a arte, mas na arte a natureza é um contra-senso.
- Você não tem medo de ser criticado por esses conceitos?
- Não. Todo crítico é um mau artista. Eu sou um artista.
- O que é que falta?
- Modéstia. Se eu fosse modesto seria perfeito.
- Desde quando?
- Desde que nenhum homem é suficientemente perfeito para notar sua ignorância e, necessariamente grande para admitir sua imperfeição.
- Não achas isso uma porção de asneiras?
- Toda asneira incompreensível merece um aplauso.
- O que tu pensas dos idiotas?
- Por você chamar alguém de idiota não significa, necessariamente, que você seja mais inteligente, os imbecis sempre encontram uma maneira ridícula de serem idiotas.
- Um pouco de humildade é interessante?
- Humildade é o que alegamos para desculpar nossa verdadeira incapacidade.
- Sobre a frase: Incentivo o seu filho a prática do esporte?

- O mundo precisa de sábios e não de atletas.
- E o futebol?
- Cada um com as suas preocupações.
- Erros?
- Para toda a ação há uma razão.
- Amizade?
- Tem dois braços: amor e interesse.
- O que é real?
- As incertezas do futuro e as perplexidades do presente fazem com que alguns ajam como robôs humanos renegando sua individualidade para tornarem-se parte de outros homens.
- Você é útil?
- Há momentos em que sinto-me inútil, mas com utilidade para perceber minha inutilidade, provando assim que continuo sendo útil.
- Sobre o interesse?
- Nada que os despertem podem ser considerados como uma mentira.
- Sobre a fraqueza?
- Só o fracasso quedam-se na impossibilidade; os fortes insurgem-se na luta. Uns vivem do que se lhes dão, outros do que conseguem com o trabalho. Aqueles, nutrem-se da benevolência do destino; estes tem o esforço como princípio. O primeiro habita o acaso e sonha; o segundo se assiste no direito, e triunfa.
- O que você tem em comum com os outros?
- Que tenho em comum com os outros?... A única coisa que tenho em comum com os outros, é não ter nada em comum.
- E os amigos?
- Amigo é o que resta depois que você perdeu tudo.
- Recomendações?
- Gostaria que só os raros lessem o que escrevi, mas o diabo é que todos podem fazê-lo...
- Alguma coisa a acrescentar?
- Sim... Não é necessário pensar como eu, basta pensar comigo!



**FAÇA SUA CASA SORRIR
COMPRANDO NO PROBST**



scriba



Centro Cópias Ltda.

Cópias Heliográficas — Xerox — Plastificações
de documentos em geral

Rua Floriano Peixoto, 89
LOJA 3 — Fone: 22-3215

BLUMENAU

SANTA CATARINA

AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.

VIII CONCURSO NACIONAL DE CONTOS

No Paraná atual, interiorizar é a diretriz maior na área da Cultura. Sob essa inspiração, desenvolve-se amplo trabalho de implantação regional de centros de irradiação, dinamizando-se a difusão cultural e prestigiando-se os valores locais. Paralelamente, entretanto, a opção cultural paranaense é a de manter e aperfeiçoar promoções de dimensão nacional, já consolidadas no calendário cultural do país, como o Concurso de Contos. O certame literário que renovou o gênero da ficção curta no país é lançado pela oitava vez, com a mesma destinação de revelar novos valores ou consagrar definitivamente escritores já conhecidos.

A intenção do Governo Jayme Canet Júnior, ao promover este VIII Concurso Nacional de Contos, através da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, sob a responsabilidade da Diretoria de Assuntos Culturais e FUNDEPAR, é a de enriquecer, com novas perspectivas, a literatura brasileira, ampliando o rol de escritores do nível de Dalton Trevisan, Ruben Fonseca, Mário Garcia de Paiva, Roberto Drummond, Mafra Carbonieri, Murilo de Carvalho e Sérgio Martagão, detentores do Prêmio "Paraná", mais uma vez colocado ao alcance dos brasileiros de todos os Estados.

Francisco Borsari Neto
Secretário de Estado da Educação e da Cultura

REGULAMENTO

1. O Governo do Estado do Paraná, por intermédio da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, promove o VIII CONCURSO NACIONAL DE CONTOS, através da Diretoria de Assuntos Culturais e Fundação Educacional do Paraná — FUNDEPAR.

2. O certame se realiza através de duas categorias:

a) GERAL, à qual podem concorrer candidatos de todo Brasil ou do exterior desde que brasileiros, independentemente de condição civil, idade, grau de instrução, experiência literária anterior ou qualquer outra exigência.

b) ESTREANTE, a que podem concorrer candidatos de todo o país, desde que não tenham livro publicado, nem participado de antologias ou colaborado em suplementos literários de circulação nacional, com obras de ficção curta ("short story").

3. Ao autor classificado em primeiro lugar na categoria GERAL, será atribuído o Prêmio "PARANÁ" no valor de cinquenta mil cruzeiros. Ao autor dos contos classificados em segundo lugar, será atribuído prêmio de vinte mil cruzeiros. Ao autor dos contos classificados em terceiro lugar, será atribuído prêmio no valor de quinze mil cruzeiros.

Será atribuído prêmio de vinte mil cruzeiros ao paranaense que melhor se classificar na

CATEGORIA GERAL, desde que não seja classificado entre os três premiados. Caso se classifique, acumulará a premiação.

4. NA CATEGORIA ESTREANTE será atribuído ao autor dos contos classificados em primeiro lugar o prêmio "TASSO DA SILVEIRA" no valor de trinta mil cruzeiros. Ao autor dos contos classificados em segundo lugar será atribuído o prêmio no valor de quinze mil cruzeiros. Ao autor dos contos classificados em terceiro lugar será atribuído prêmio no valor de dez mil cruzeiros. Será atribuído o prêmio de dez mil cruzeiros ao paranaense que melhor se classificar na categoria ESTREANTE, desde que não seja classificado entre os três premiados. Caso se classifique, acumulará a premiação.

5. Os trabalhos devem ser encaminhados em seis vias, em papel formato ofício, datilografados em espaço dois e em um só lado da folha. Serão admitidos todos os processos de reprodução, desde que o texto se apresente nítido e legível.

6. Não há limite máximo ou mínimo para o número de páginas ou palavras de cada conto. Nem prescrições quanto a forma ou conteúdo, assegurando-se liberdade temática e expressiva.

7. Cada concorrente deverá apresentar três con-

tos originais (de sua própria autoria) e inéditos (nunca publicados), cada um deles em seis vias.

8. Nos textos dos contos deverá figurar claramente o título e o pseudônimo do autor, mas nunca o nome verdadeiro ou assinatura. Num envelope menor, fechado, remeteterá o candidato folha com o nome, endereço e breve currículo (informações pessoais).

9. Os trabalhos concorrentes devem ser remetidos até 31 de janeiro de 1978 para: VIII CONCURSO NACIONAL DE CONTOS/DIRETORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ/RUA ÉBANO PEREIRA, 240 — CAIXA POSTAL 317 — CURITIBA — PARANÁ 80.000

10. Os direitos autorais dos contos premiados, para publicações em livro, revista ou qualquer veículo gráfico, bem como em forma teatralizada, em versão cinematográfica ou qualquer outra adaptação, no Brasil e no exterior, pertencerão à Fundação Educacional do Estado do Paraná, FUNDEPR, nos termos da legislação vigente, durante o período de dois anos, a contar do recebimento do prêmio.

11. Em nenhuma hipótese serão devolvidos os exemplares dos trabalhos concorrentes, premiados ou não.

12. As Comissões julgadoras

serão constituídas por 3 integrantes escolhidos pelo Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, entre nomes de representantes paranaenses (sendo 1 membro para Categoria Geral e 2 membros para a Categoria Estreante). Os demais serão escolhidos entre críticos literários, escritores, professores e comunicadores de reconhecido nível intelectual e projeção no mundo cultural brasileiro.

13. As Comissões Julgadoras poderão deliberar desde que esteja presente a maioria dos seus membros, sendo suas decisões irrecorríveis e com a faculdade de não conceder qualquer dos prêmios desde que o nível dos trabalhos concorrentes esteja em defasagem com a destinação do certame.

14. Os prêmios, uma vez divulgados os laudos críticos pelas Comissões Julgadoras, serão entregues em solenidade presidida pelo Governador do Estado do Paraná, em Curitiba, simultaneamente ao encerramento do VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, na 2ª quinzena de maio de 1978.

15. Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria da Educação e da Cultura, através da Diretoria de Assuntos Culturais e Fundação Educacional do Estado do Paraná.

LIVROS RECOMENDADOS

O CREPUSCULO DO CAPITALISMO

de Michael Harrington

Eis um livro de extraordinária importância para professores e estudantes universitários, políticos e economistas, bem como àqueles que lidam com os problemas sociais do mundo contemporâneo e estejam interessados em possuir visão crítica mais ampla da atual conjuntura. Obra elogiadíssima nos Estados Unidos e em todos os países em que foi publicada, é ensaio poderoso sobre a incontrolável decadência do sistema capitalista sob o qual vive grande parte da humanidade.

419 pgs

Cr\$ 160,00

METODO MODERNO DA LIMITAÇÃO DOS FILMES

do Dr. Thurston S. Welton

Perpétuo campeão de vendagem, posição conquistada junto ao público por sua eficiência e por não oferecer qualquer risco à saúde das mulheres, este método preciso — e natural — vem acompanhado de uma roda-calendário, para determinar os dias férteis e estéreis, que é a chave do seu funcionamento.

208 pgs.

Cr\$ 100,00

GOTA D'ÁGUA

de Chico Buarque e Paulo Pontes

Um dos maiores sucessos da dramaturgia nacional, seja nos palcos, com a montagem de Bibi Ferreira, seja em livro, de que a CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA vem tirando sucessivas edições. Baseada numa adaptação livre de Média de Eurípedes, originalmente concebida por Oduvaldo Viana Filho, GOTA D'ÁGUA é um marco na história da arte cênica brasileira.

192 pgs.

Cr\$ 70,00

A CONCENTRAÇÃO DA RENDA NO BRASIL

de Fausto Cupertino

O jornalista e escritor Fausto Cupertino vem demonstrando ser um dos mais argutos e corajosos analistas da realidade brasileira. Em um ano editou, pela CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, cinco importantes estudos sobre temas tais como a dívida externa, a saúde, a religião, o petróleo e também este, que agora reeditamos sobre a injusta divisão da renda. Traz como subtítulo "O bolo está mal dividido".

1142 pgs.

Cr\$ 70,00

UM PÁSSARO EM PANICO

Elias José

Coleção Nosso Tempo

80 pgs.

Cr\$ 23,00

Mais um lançamento da COLEÇÃO NOSSO TEMPO, da Ática, que se caracteriza por grandes tiragens — 30.000 exemplares — e por cuidadoso tratamento gráfico. Desta vez é UM PÁSSARO EM PANICO, de Elias José, ilustrado por Elifas Andreato.

Consuelo Albergaria Prado, professora e crítica literária, assim fala sobre o Autor na apresentação de UM PÁSSARO EM PANICO:

"Vista do alto, a realidade se mostra a Elias José como o palco onde CLOWNS e fantasmas executam gestos nebulosos que, de certa forma, atenuam a rudeza crua do cotidiano. Surge, então um aparente distanciamento e intensa carga de fantasia, a sua ficção, que na verdade, encobre um mundo que seria por demais inquietante sem o filtro da sua linguagem fluida. E temos, como ingrediente principal destes contos, o fantástico, que disfarça o sabor acre da realidade que retrata".

Já as ilustrações de Elifas Andreato têm o mérito de estimular a recriação desta realidade fantástica do livro, levando o leitor a múltiplas visões do clima e personagens que desenvolvem a trama dos contos de UM PÁSSARO EM PANICO.

FLECHA EM REPOUSO

Manoel Lobato

Coleção de Autores Brasileiros

80 pgs.

Cr\$ 32,00

Manoel Lobato é outro Autor já consagrado que vem enriquecer a COLEÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS da Ática. Revelado ao grande público em 1961 com seu livro GARRUCHA 44, Manoel Lobato durante todos esses anos vem dissecando o relacionamento humano no cotidiano das pessoas simples, de forma intuitiva e persistente: "Nunca ninguém me orientou pra escrever e isso parece até um chamamento, uma vocação doentia".

FLECHA EM REPOUSO reúne nove de seus últimos contos, ilustrados por Laércio D'Angelo, e com o cuidado gráfico que marcou os títulos dessa Coleção.

Sobre esses contos, diz o crítico Fábio Lucas: "Manoel Lobato procura trazer agora maior espessura psicológica, maior densidade filosófica, acabamento mais sutil de seu engenho narrativo. Por isso, é preciso atentar na funcionalidade dos elementos de sua ficção: os diálogos, as descrições, os gestos, os episódios, os objetos, os nomes próprios (a transparência onomástica muitas vezes ajudam a bem interpretar o texto), enfim, na rede de informações que circula de conto a conto como agregação ao real e intensificação da vida".

Além dos contos, FLECHA EM REPOUSO traz ainda uma entrevista com Manoel Lobato, revelando em rápidos parágrafos, a figura humana do Autor.

MARCOS FREIRE

Nação Oprimida

Cr\$ 65,00

Faz tempo que os brasileiros sabem que vivem num regime antidemocrático. Faz tempo que o arbítrio deixou de surpreender. E este é o principal sintoma de autoritarismo enraizado: a convivência com o arbítrio reduz à rotina o que deveria ser percebido como exceção.

Mais recentemente, começaram a surgir sinais de reação a este estado de coisas. As eleições de 1974 constituem o marco importante no esforço dos brasileiros para sacudir a letargia a que as ditaduras sempre aspiram submeter os povos. Na maré montante da reação popular, Marcos Freire foi eleito senador por Pernambuco. Grave responsabilidade a de continuar a tradição combativa do povo inconformado do Recife, do agreste e do sertão. A memória viva dos pernambucanos recorda dias não tão remotos de luta e de esperanças.

Marcos Freire assumiu com coerência a posição democrática. Juntou à crítica do regime em nome das instituições democráticas, a crítica dos fundamentos sociais da política econômica que o autoritarismo vem praticando no Brasil: a política econômica opressiva fez suas grandes vítimas nas classes populares e baseia-se na desigualdade crescente.

CARLOS A. AFONSO

Herbet de Souza — O Estado

e o desenvolvimento capitalista no Brasil (a crise fiscal)

Cr\$ 60,00

Neste livro o Estado, em sua dimensão nacional, é analisado como instância reguladora e organizadora de um modo particular de desenvolvimento capitalista, correspondente aos interesses de determinadas classes sociais que traduzem sua hegemonia através de formas particulares de legislação.

Já em sua dimensão internacional, o Estado é analisado como instância de articulação econômica e política da formação social nacional com o sistema capitalista mundial.

WARREN DEAN — Rio Claro

(Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura 1820 —

1920)

Cr\$ 70,00

Professor de história na Universidade de Nova York, residiu durante longo período no Brasil onde, no município de Rio Claro, Estado de São Paulo, pesquisou documentos históricos para escrever este livro, que descreve em detalhes o sistema de grande lavoura que, durante todo o século, fez daquele município um dos centros que produziu a maior parte do café, numa época em que o Brasil dominava o mercado cafeeiro mundial e em que a lavoura cafeeira dominava o Brasil.

EDITORA PAZ E TERRA

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBIL

EDUCAÇÃO

Professor, MAGISTER DIXIT, já era...

Se notamos que no estudo da dialética a ação suscita o problema que leva à ideologia que acarreta nova ação, temos a certeza que os conceitos tradicionais de alguns que se dizem "esforçados" professores terão que ser radicalmente mudados.

A educação visa o homem, e sendo este racional possui a faculdade de refletir. Mencionamos reflexão no sentido do verbo latino "reflectere" que significa "voltar atrás". É, pois um repensar, num pensamento, consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos de medir-se com o real.

É normal que na noção filosófica de todos homens, há sempre certos princípios e normas que os limitam e os regem, normas estas, às vezes, ainda nem escritas, onde prevalece o mero bom senso. Contudo, muitas vezes são elas violadas, por pessoas que dão um caráter parcial e fragmentário em suas decisões e ações.

Que dizer de um professor que após a reinvidicação do valor subjetivo de uma nota responde ao aluno que não tem ele a culpa se o aluno não conhece seus direitos? Que dizer deste que se diz professor, que num monólogo, pois não deu oportunidade ao aluno de se manifestar, que em primeiro lugar deveria se colocar ele no lugar do aluno, em segundo lugar ele era o PROFESSOR e em terceiro lugar o aluno era um mal educado e que o diálogo estava encerrado.

Nós, cujas assinaturas constam no final deste texto, comprometemo-nos a defender o direito que os animais têm ao respeito e tratamento digno por parte dos homens.

Comprometemo-nos a defender a vida vegetal, sempre que ameaçada e estiver ao nosso alcance protegê-la.

Comprometemo-nos, perante nossas consciências, a não economizar esforços para impedir que animais, tanto domésticos, quanto de corte e de trabalho, sejam vítimas de

tratamento cruel ou displicente.

Comprometemo-nos a chamar a atenção das autoridades responsáveis, sempre que ocorrer perto de nosso domicílio ou raio de ação, fatos contrário aos princípios que defendemos.

Comprometemo-nos a dar apoio às entidades que protegem os animais e a flora, no Brasil e no mundo.

Grupo de Proteção à Flora e à Fauna — Rua Pará de Minas, 302 — Belo Horizonte

Mas, como? Diálogo de um, seu MAGISTER, é monólogo.

Citamos fatos como estes não para profanar o ensino superior, mas para conscientizar não só o estudante, mas também quem dirige este estudante.

Não é com ameaças em sala de aulas, na hora das provas, não é com queixas do excesso de trabalho profissional que intimidará o aluno e irá melhorar o seu aprendizado.

Alvaro Vieira Pinto no livro *Ciência e Existência* diz que "Cultura é por conseguinte, coetânea do processo de hominização, não tem data de nascimento definida nem forma distintiva inicial".

Este processo de hominização não se traduz pelo temor de uma formulação feita a quem pensa que está transmitindo a pura verdade, mas si numa compreensão da pessoa, do aluno que se dirige ao professor para sanar sua dúvida.

Se vivemos na era do MARKETING, o que interessa na função de existir de uma instituição de ensino é o aluno. O consumidor é o rei do mercado, assim como o aluno é o rei da Escola (UNIVERSIDADE).

Seu professor, reflita, se não for capaz a tal ato, ao menos pense, MARGISTER DIXIT, já era, viu bicho! Eu não 'tô na tua...

* Laércio Beckhauser *

Ac. Direito — Professor de Vendas.

MANIFESTO

CARTA DENÚNCIA:

... Em Minas Gerais há algo pior. Em um matadouro de cavalos e burros constatei fato que não posso calar. Os cavalos ainda vivos, têm suas patas cortadas e são atirados em fornos, para que, na agonia do sofrimento, haja abundante sudorese, a fim de eliminar o cheiro característico da sua carne. Estes animais, são cruelmente torturados, relincham, dolorosamente até morrer.

Apelo para as autoridades, para que tomem medidas vi-

sando acabar com esse sadismo.

Assinado: Inez Maria Freire de Norões

São Paulo — S.P.

(Revista Manchete, 25 de setembro, 1977)

Já escrevemos à Manchete solicitando o endereço do matadouro, que a missivista deve ter citado e eles tiveram excrúpulos em publicar. Pedimos a quem possa dar notícias de tais matadouros, escrever à Sociedade Protetora de Animais — Rua Sergipe, 12 ap. 604. A/C de Wanda Paulino — Belo Horizonte.

Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)
Fone: 22-5036

Blumenau

Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25



ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

COM SUA PERMISSÃO



CLICHEPAR

Rua Alwin Schrader, 100 (Saída p/ BR 101)

Fotolitos, Clichês,
Desenhos e Composições

Fone (0473) 22-2894
Blumenau - SC